

O losango preto na poesia de Mário de Andrade

Angela Teodoro Grillo

Resumo

O estudo da presença do negro na poesia de Mário de Andrade, tema da minha tese de doutorado, ancora-se na análise e interpretação de três poemas em que se pode identificar o que denomino como losango negro, isto é, o negro como um dos elementos motivadores à criação do poeta arlequinal. Os poemas são: “Reconhecimento de Nêmesis”, escrito em 1826 e publicado em 1941 e que guarda aspectos viscerais do conteúdo afro-descendente do artista; os “Poemas da Negra”, conjunto que integra *Remate de males* de 1930 e representa o auge do lirismo amoroso do vate que subverte a tradição da poesia brasileira e encontrar a musa na negra mulher e, por fim, “Nova canção de Dixie”, escrito em 1944 e de publicação póstuma, que versa o profundo incômodo do poeta com as violentas práticas racistas nos Estados Unidos da América. Além desses três textos, servem à análise outras parcelas encontradas na obra do escritor e em seu arquivo no IEB-USP, incluindo manuscritos em sua marginalia que se reportam a matrizes de sua criação. Trata-se de um estudo de cunho estilístico com viés social, em que o interesse pelo projeto estético associa-se ao propósito de compreender a obra do “bardo mestiço”, conhecedor do Brasil e das questões raciais de sua época.

Palavras-chave

Mário de Andrade; negro; Nova Canção de Dixie; Reconhecimento de Nêmesis; Poemas da Negra

1 Doutoranda pelo programa de Literatura Brasileira - FFLCH-USP, bolsista FAPESP. E-mail: angelagri@gmail.com.

A fortuna crítica de Mário de Andrade aponta a multiplicidade como característica fundamental para a interpretação dos versos do poeta. Em resenha sobre o livro *Poesias* de Mário de Andrade, Antonio Candido (1942, p. 75) destaca as facetas do artista “folclórico”, o “poeta de si mesmo” e o “criador de Poética”. Ainda naquele ano, em ensaio dedicado à mesma obra, Álvaro Lins (2007) explora uma dicotomia, mostrando que na poesia do modernista há “o sentimento de sua terra e o sentimento íntimo do homem”. Anos mais tarde, João Luiz Lafetá (1986), seguindo as indicações de Antonio Candido e de Álvaro Lins, aprofunda-se na ideia de que nos versos de Mário de Andrade “a busca da identidade nacional [...] liga-se ao problema mais íntimo da descoberta da *própria* identidade”. Nessa perspectiva, proponho destacar um dos losangos da roupa do arlequim, para estudar a criação do poeta ligado às questões do negro.

O estudo da presença do negro na poesia de Mário de Andrade é o tema do meu projeto para a tese de doutorado: *Losango preto: o negro na criação do poeta Mário de Andrade*. Vale dizer que a análise e interpretação dos versos, ligados a questões do losango preto no traje arlequinal do vate, escolhe a palavra “preto” pois advém do emprego dela na pesquisa etnográfica empreendida pelo polígrafo guardada no manuscrito *Preto*. A organização do dossiê culminou, em 2010, na minha dissertação de mestrado: *Processo de criação do estudo Preto, um inédito de Mário de Andrade*. A análise dos documentos mostrou que esse complexo e vasto estudo que o autor de *Macunaíma* planejou, e não pôde desenvolver integralmente durante a vida, patenteia seu profundo envolvimento com o objeto, não apenas em suas cogitações de pesquisador e ensaísta, mas em sua impregnação da cultura do negro, como artista – poeta, contista e romancista. Minha pesquisa junto ao arquivo do escritor, no IEB/USP, resultou ainda na descoberta do inacabado “Estudos sobre o negro”, única parte até então desconhecida para a conclusão do volume XIII das Obras completas, conforme o plano do escritor. *Aspectos do folclore brasileiro*, por mim organizado e anotado, integra a coleção coordenada pela Prof^a Telê Ancona Lopez de textos fidedignos de Mário de Andrade, obra no prelo da Editora Nova Fronteira.

No projeto para doutoramento, a poesia lírica foi escolhida como *locus* para discussão estética e de questões raciais ligadas à época do poeta. Concordando com Berardinelli (2007, p.33), a lírica é uma “depositária privilegiada da utopia e da crítica do existente” e nela os “elementos formais devem ser interpretados em sua conexão e co-presença, pois afinal não há ‘lírica individual’ que não se comunique subterraneamente com uma ‘corrente coletiva’, sem a qual nenhuma experiência histórica é concebível”.

O estudo do *losango preto* permite dizer que a composição dessa parte, destacada do todo, não é uniforme, isto é, pode-se distinguir o negro e o mulato nas visões do eu lírico, ambos, na constituição mesma do eu lírico e o negro motivando o compromisso político do eu lírico. A presença do negro, e suas diferentes abordagens, foi constatada pela pesquisa em todos os livros de poema de Mário de Andrade, os versos do conjunto reunido servem, em um estudo comparativo, para interpretar os poemas centrais da tese, quais sejam, “Reconhecimento de Nêmesis” (1926/ 1941), “Poemas da Negra” (1929) e “Nova canção de Dixie” (1944). A escolha das vertentes teóricas e críticas para o estudo estético dos poemas serve-se de autores como Leo Spitzer, Emil Staiger e Octávio Paz e procura dialogar com obras que discutem o viés histórico, sociológico e cultural ligadas à questão do negro; bem como, a pesquisa aprofunda-se no estudo da criação de Mário de Andrade, na medida em que encontra relações entre os poemas e outras obras publicadas –ensaio e ficção –, manuscritos, correspondência e biblioteca do escritor.

Em “Reconhecimento de Nêmesis”, o eu lírico pode ser identificado como mulato, na medida em que o menino da “mão morena” surge como uma espécie de duplo, a quem o eu poético segreda: “Sem piedade, me recorda/ A minha presença em mim” (v. 69,70). O encontro se impõe como uma realidade particular, por força da consciência resultante da descoberta do próprio conflito, que lhe permite desmascarar as formas de dominação desenhadas pelo olhar do branco. O eu lírico recorre à figura mítica da indignação e da justiça, Nêmesis, para admitir que, ante a impossibilidade de fugir à verdade de se livrar da consciência do embate (“Você renova a presença/ De mim em mim mesmo... E eu sofro” (v. 175,174), cabe-lhe assumir e sublimar, ou seja, transfigurar a situação na arte

– “conCertando/ As cruces do seu destino.” Cruces enquanto cruzamento – de raças, do passado com o presente; cruces da dor de ser discriminado e discriminar que permitem que o artista, ao plasmá-las, renasça².

Nos “Poemas da Negra” o espaço nordestino de mangues, canaviais e catimbó atinge a dimensão cósmica, quando eu lírico funde-se à negra, por ele elevada a esse plano (“Te vejo coberta de estrelas, /Coberta de estrelas,/ Meu amor!”, I, v. 9-11). Se em “Reconhecimento de Nêmesis”, a sinédoque de parte “mão morena” perpassa todo o texto revelando o conflito do eu lírico com seu conteúdo negro, nos “Poemas da Negra”, ele comunga a marginalização do negro, pela síntese dos corpos do casal, para poder superá-la. Aprumando-se junto da mulher, prostituta no mangue, redime a negra para além das contradições sociais. Nesses versos, o poeta constrói a alegoria do amor em sua obra, ou segundo Gilda de melo e Souza (2005, p.31), encontra-se “o auge do lirismo amoroso” de Mário de Andrade.

Em “Nova Canção de Dixie” de 1944, o poema é construído como uma letra para jazz, em uma espécie de retorno ao espírito da poesia do modernista de *Clã de jabuti*, em 1927, no bojo de uma poética fortemente ligada à música. Esse recurso, em 1927, liga-se ao projeto estético e ideológico de Mário de Andrade, no nacionalismo de cunho crítico que reconhece a dignidade do artefazer do povo. Em 1944, novamente a música molda o poema para se solidarizar com o negro norte-americano marginalizado e perseguido e proclamar a denúncia do preconceito racial nos Estados Unidos da América. Servindo-se sobretudo da ironia, o poeta ao transgredir a tópica da terra ideal, cria uma anti-pásargada.

Esta comunicação visa apresentar de modo sucinto meu trabalho em processo de finalização. Trata-se de um estudo de cunho estilístico com viés social em que o interesse pelo projeto estético associa-se ao propósito de compreender aspectos sociais

² Os versos de MA citados correspondem à edição: ANDRADE, Mário. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. 2 v.

presentes na obra do “bardo mestiço”³, conhecedor do Brasil e das questões raciais de sua época.

³ Expressão usada pelo poeta no verso 281 d’ “A meditação sobre o Tietê”: “Bardo mestiço, e meu verso vence a corda”.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. 2 v.

BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Trad. Mauricio Santana Dias. Organização e prefácio Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.

CANDIDO, Antonio. Resenha sem título publicada em *Clima*, São Paulo, n. 8, p. 75, jan. 1942.

LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade: imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LINS, Álvaro. Mário de Andrade: a imaginação de um homem e a imagem de um movimento literário em sua obra poética. In: _____. *Álvaro Lins: ensaios de crítica literária e cultural*. Organização Lourival Holanda e Humberto França. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 149-157.

SOUZA, Gilda de Mello. A poesia de Mário de Andrade. In: _____. *A ideia e o figurado*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2005. p. 30-45.